

A importância do diagnóstico na construção do conhecimento voltado para a Educação do Campo*

Eliene Novaes Rocha **

Estamos na perspectiva da educação do campo buscando construir caminhos para políticas públicas efetivas, mas do que programas e projetos.

Nessa busca, faz-se necessário que estejamos articulados, mobilizados, mas também que estejamos principalmente, preparados para atuar na concretização dos nossos direitos.

O primeiro passo de intervenção da realidade, começa pelo conhecimento, ter um objetivo. E estes são desencadeados pelas perguntas, por um problema.

Então para que possamos traçar nossas estratégias é preciso conhecer a realidade que nos cerca. É importante termos um ponto de partida, ponto de referência, para que possamos formular, propor e defender as questões que inquietam e que não garantem os nossos direitos.

O diagnóstico é um instrumento de conhecimento da realidade, são aproximações sucessivas que levam a perceber o que fazem as pessoas, quando, e por que fazem de determinada forma e não de outra e como são as relações entre as pessoas, entre grupos e destes com a natureza e as instituições sociais.

Fazer diagnóstico é aprender a conhecer a realidade, e pode ser feito de várias maneiras, com diferentes metodologias, e atender a diversas funções.

Gnosis, palavra grega que deu origem à palavra diagnóstico significa conhecimento. E fazemos diagnóstico como forma de adquirir conhecimentos ou mais conhecimentos sobre diversas coisas: quando vamos ao médico, para saber a situação da saúde, quando vamos comprar para saber melhor os preços e produtos, para identificar avanços e limites de determinados processos e no campo das políticas públicas ele é um instrumento de fundamental importância, pois com ele podemos identificar pontos críticos, de negação total dos nossos direitos, como também possibilidades, avanços e alternativas já identificadas e construídas.

* Síntese do material publicado pela CONTAG sobre diagnóstico participativo.

** Assessora da CONTAG – responsável pela síntese

Conhecer a realidade nos possibilitará saber onde exatamente é preciso somar esforços, ter mais diálogo, ser mais incisivo. Conhecendo a realidade estamos mais seguros para defender as propostas que queremos, pois estamos fortalecidos por conhecimento de causa, conhecimento esse nos faz mais seguros e mais fortes.

Como podemos perceber o diagnóstico é um instrumento muito importante, e precisamos aprender muito sobre ele também, pois embora a todo momento estejamos conhecendo a realidade que nos rodeia, é preciso ter clareza do que e pra serve esse instrumento de participação e intervenção social.

Para que serve o diagnóstico:

Numa passagem do livro Alice no País das Maravilhas, num determinado momento quando Alice se encontra numa encruzilhada, um coelho fica a observá-la, e ela com tantos caminhos a sua frente, confusa, resolve pedir ajuda ao coelho e pergunta: “**Para qual caminho devo seguir?**”. O coelho por sua vez, retorna a pergunta: **Aonde você quer chegar?**. A menina então responde: **Ah, em qualquer lugar**”, então o coelho diz “**segue qualquer caminho, pois para quem não sabe onde quer chegar, quando caminho serve**”.

Quando realizamos algum tipo de diagnóstico da realidade, ele nos possibilita também:

- Ter mais propriedade para falar sobre o que conhecemos;
- Ter mais clareza para onde queremos e onde queremos chegar;
- Ter mais compromisso, pois aprendemos com a ação, vendo de perto a situação e não com alguém dizendo como é ou como não é.
- Que por mais que nos esforcemos vamos conhecendo a realidade aos poucos, é um processo, são aproximações sucessivas e cumulativas.

“Como instrumento de conhecimento da realidade o diagnóstico a ser realizado deve ser coerente com os outros passos a serem dados. Assim, ao pensarmos na inclusão das pessoas nos processos de desenvolvimento local, em sua participação nas decisões, no assumir compromissos conjuntamente e nas ações a serem implementadas, se torna necessário organizar um diagnóstico em que desejos, as aspirações, as práticas, os saberes, os valores e as perspectivas de grupos e\ou pessoas se expressem e sejam valorizados e reconhecidos. É nesse

sentido que o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), pode ser um útil instrumento de trabalho” (Luiz Fernando Fleck, 1998).

Fazer diagnóstico pode ser instrumento educativo, no qual as percepções são afloradas, fortalecendo a capacidade de criar e a buscar alternativas por parte dos grupos e pessoas, vencer os obstáculos e superar os desafios.

Características:

O diagnóstico tem como uma das suas características o da participação, destacamos a seguir algumas características metodológicas:

- **Flexibilidade** – envolvem princípios que fazem com que os resultados sejam produzidos pelo próprio grupo;
- **Transparência** – a finalidade e o desenvolvimento das atividades devem ser compreendidos por todos os participantes.
- **Envolver pessoas de várias áreas de conhecimento** – É aconselhável que na condução destes trabalhos, estejam presentes profissionais de diversas áreas, garantindo uma visão mais ampla da situação;
- **Comunicação nas duas direções** – Ninguém é dono do saber. E preciso unir conhecimentos.
- **Juntar qualidade e quantidade** – Junto com os dados levantados é preciso saber o que eles significam.
- **Orientação segundo grupo** – Em determinadas atividades ocorre um deslocamento do poder de decisão para o grupo.
- **Parcela de poder** – Envolve aumento do poder de encaminhamento e decisão, por parte do grupo;
- **Presença no local** – o desenvolvimento de um projeto participativo deve ocorrer juntamente com a comunidade, possibilitando uma visão mais real da situação.

Como instrumento de conhecimento da realidade, o diagnóstico a ser realizado deve ser coerente com os outros passos a serem dados. O diagnóstico em seu conjunto de técnicas, pode também representar um sólido instrumento de apoio à participação para as outras fases do processo de desenvolvimento, e servir de base para o monitoramento e avaliação do plano de desenvolvimento territorial sustentável.

Um elemento, portanto, torna-se imprescindível nesse processo é a mobilização, sensibilização e formação das pessoas envolvidas para perceberem a importância do trabalho, desenvolver um sentimento de grupo, de conhecimento para atuarem juntas, de fomento a parceria, de partilha de idéias, o estabelecimento de um acordo convivência para procedimentos de trabalho evitando assim os conflitos pessoais em detrimento das necessidades coletivas, da negociação entre múltiplos e diversificados interesses, confrontando percepções de realidade, vontades e expectativas sobre o que se pretende alcançar no futuro.

É o momento onde o grupo produz e recebe informações qualificadas para orientar o planejamento da ação. E algumas questões são centrais para o aperfeiçoamento do processo: Que informações precisamos? Quem participa e realiza o diagnóstico? Onde buscar as informações? Quais as fontes existentes? Como vamos organizar e sistematizar as informações? Quem são os responsáveis por cada operação a ser realizada no processo? Qual o papel dos técnicos e dos atores sociais? Qual o tempo necessário? Quanto custa?

Como um processo educativo no qual afloram as percepções, os conhecimentos prévios, a visão de mundo e a capacidade criadora dos grupos e pessoas, assim, a pessoa que esta posição externa necessita aprender a ouvir! Desta maneira os saberes da população não só é valorizado, mais também integrado, não desempenhando apenas o papel de fornecedores de informações e de receptores passivos de realizações, devem ser capacitados a guiarem sua própria história, a criar seu futuro como uma capacidade básica do ser humano.

Para que ele possa ser o mais completo possível, deve-se combinar os dados primários – aqueles coletados diretamente na fonte (entrevistas, grupos de discussão, caminhadas exploratórias, diagramas institucionais, etc.)- com dados secundários que iremos buscar no censo escolar, nas ong's, movimentos sociais, secretarias de educação, etc...

Sugestões de instrumentos:

Gráfico histórico – que mostra ao longo do tempo o percurso histórico percorrido por um município, uma comunidade, um território;

Entrevistas semi-estruturadas – não possuem elenco fechado de perguntas, se estruturam a partir dos roteiros que devem ser abordados;

Diagramas históricos – são construídas com desenhos, ao longo dos anos, mudando as mudanças ocorridas;

Análise de Fontes/Dados Secundários – busca de informações já existentes, publicações existentes, sobre o tema da investigação ou sobre determinada realidade local ou regional.

Questões orientadoras para o Diagnóstico sobre a Educação do Campo no município e no território

1. Dados gerais da população por nível de idade (crianças, jovens, adultos e idosos-acima de 60 anos), mulheres e homens; local de moradia.
2. Tipos de escolas: municipal, estadual, comunitária, privada.
3. Acesso à escolarização básica: matrículas na educação infantil, ensino fundamental e médio na área urbana e rural; número de crianças e jovens fora da escola; evasão escolar; repetência escolar; oferta de ensino noturno.
4. Escolaridade: nível de escolaridade, índice de analfabetismo de jovens e adultos; qual tipo de escolaridade oferecida aos jovens e adultos.
5. Perfil dos estabelecimentos da área rural: tipos de construção, número de salas, saneamento básico e energia; biblioteca e laboratórios.
6. Gestão da educação: quais os conselhos existentes na área de educação? Como foram formados e quem participa deles? Existe plano municipal de educação elaborado e por quem foi elaborado? Como é a participação da comunidade na gestão escolar?
7. Financiamento e infra-estrutura: como são administrados os recursos da educação? Existe conselho do FUNDEF? Aonde os produtos da merenda são adquiridos? Como é realizado o transporte escolar? Tem plano de carreira e salários para o professorado e outros profissionais da educação? Existe formação continuada para o professorado? Quem realiza?
8. Educação profissional: existe curso profissionalizante? Quais e quem oferece?
9. Ensino superior: existe oferta de ensino superior? De que tipo?

10. Educação não escolar: existem outras atividades educativas sendo desenvolvidas? Quais e por quem?
11. Ações culturais desenvolvidas no território: Quais os tipos de festas, brincadeiras e danças existentes; quem realiza e quem participa? Quais as manifestações artísticas presentes no município? Como são divulgadas?
12. No seu município ou região que passos foram dados por sua organização na discussão sobre educação do campo?
13. Certamente no seu Estado, vocês já têm uma caminhada na discussão sobre educação. Vamos registrar também a memória dessas experiências?
14. Na sua comunidade tem escola funcionando? O lugar onde ela localiza-se é acessível à comunidade?
15. Junto com o seu grupo procure identificar o número de pessoas analfabetas em sua comunidade e/ou município? O que poderíamos fazer com relação a esta questão?
16. Junto com a sua comunidade faça um levantamento de quais as iniciativas de educação não formal existentes no seu município e/ou região. Quem são os atores e atrizes envolvidos nas mesmas. Essas iniciativas de educação tem contribuído para implementação do PADRS?
17. Faça um levantamento de experiências escolares inovadoras no seu município/região
18. Quais os grupos e organizações que podemos articular em nossos municípios para garantir a participação popular na elaboração do plano municipal de educação.